

Dinâmica cultural e processos identitários

Sidney A. da Silva

A presença boliviana é um fato consolidado em São Paulo, tanto do ponto de vista espacial como socioeconômico e cultura. A partir dos anos 80 vem sendo construído o perfil dos imigrantes bolivianos em São Paulo: Jovens de ambos os sexos, solteiros e de escolaridade média que vieram atraídos, principalmente, pelas promessas de bons salários feitas pelos empregadores coreanos, bolivianos ou brasileiros da indústria de confecção.

Em razão do processo de terceirização pelo qual a indústria têxtil passou nos anos 80, os bolivianos passaram a ser incorporados com trabalhadores temporários, sem nenhuma forma de regulamentação trabalhista, o que os deixa sem documentos e sem contrato de trabalho regulamentado.

Incomodados com a imagem negativa divulgada pela mídia local e pressionados pela fiscalização do Ministério do Trabalho, algumas organizações sociais e culturais foram criadas pela comunidade com o objetivo de mudar essa realidade. A ADRB (Associação de Residentes Bolivianos), fundada em 1969 com o objetivo de divulgar a cultura boliviana na cidade. Entre as mais recentes, temos a Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Boliviana Padre Bento e a Associação Cultural de Grupos e Conjuntos Folclóricos Bolívia/Brasil que se formaram com o objetivo de organizar os grupos que se apresentam nas festas pátrias e devocionais realizadas no mês de agosto. Esses grupos são responsáveis, também, por organizar as manifestações culturais da comunidade para fora dela: Na Praça Kantuta (Pari) e no Memorial da América Latina (Barra Funda).

A Praça Kantuta, onde acontece a feira gastronômica aos domingos, passou a ser também o palco de grandes manifestações culturais bolivianas, como a festa de *Alasitas*, uma tradição da região de La Paz, que acontece no dia 24 de janeiro. A festa ocorre em um dia de trabalho normal para os brasileiros, o que dificultava a utilização da praça para a festividade, a cada ano a Associação Padre Bento busca um novo local para realizar a festa: Em geral um lugar fechado e que tenha terra para sejam feitos os rituais à Mãe-Terra. Outra festa capaz de reunir pessoas de diferentes países é o carnaval: Se

organizam em torno de grupos que apresentam danças e ritmos tradicionais. O Memorial da América Latina, por sua vez, é palco das festas pátrias e devocionais.

“Os festejos no espaço do Memorial estariam veiculando, portanto, uma identidade nacional enquanto positividade, já que a ideia de nação enquanto uma ‘comunidade imaginada’, nos termos de Anderson (2008), estaria assegurada naquele momento, pois, apesar das diferenças socioculturais (profissionais X costureiros), regionais (colas X cambas) e étnicas (aimarás X quéchuas), todos se reconhecem e são reconhecidos pelos brasileiros como bolivianos. Porém, a proposta é que a sociedade paulistana os veja ‘con otros ojos’, ou seja, a partir de um outro prisma, como dizia o lema das festividades de 2010.”. (p. 25).

“A transposição de fronteiras nacionais e culturais exige daquele que emigra o desafio de lidar com uma dupla pertença, ou seja, viver no novo contexto sem ser considerado parte dele e, ao mesmo tempo, querer regressar ao local de origem, porém, sem nunca ter regressado definitivamente.”. (pág. 25). É nesse contexto de contradições que práticas festivas se tornam uma mediação importante no processo de reconstrução identitária dos imigrantes, criando a possibilidade de um canal de diálogo com o país de adoção. A conquista de novos espaços na metrópole para a manifestação de suas práticas culturais revela que eles querem ser vistos e reconhecidos como cidadãos paulistanos, mas também, como andinos ou bolivianos.

Há em São Paulo, uma “multiculturalidade transitiva”, ou seja, apesar dos estranhamentos e tendência ao confinamento, há a possibilidade de diálogo com aquilo que nos parece estranho e distante. No âmbito da convivência cotidiana há certa abertura à pluralidade cultural, no privado, contudo, a rigidez dos costumes e a força das crenças tendem a bloquear qualquer forma de abertura à uma possível mudança cultural.

Daniel Edgardo